



### Bernardo Ferrão - SIC

Mário Centeno é um homem providencial devido a tudo o que aconteceu nestes últimos quatro anos, reuniu grande popularidade e tem um peso importante no Governo. Esta reunião mostra que, aos poucos, o Presidente começa a tomar as rédeas dos acontecimentos. Primeiro, ao convencer António Costa a fechar as escolas e, depois, a declarar o Estado de Emergência. Este não é tempo de tensão entre os 2 palácios. E às vezes parece haver sinais dessa tensão. António Costa tem estado muito exposto e desgastado. Em relação aos bancos, e depois da GCD ter dado o sinal de que poderia atrasar o pagamento dos empréstimos, António Costa ainda não falou sobre isso. Esta decisão ficou adiada para esta semana.

### José Gomes Ferreira - SIC

Há o sério de risco de não haver dinheiro para salários em muitas empresas, sobretudo nas pequenas e médias empresas, no final do mês. Evitar esta situação era supostamente o objetivo da linha de apoio à tesouraria das empresas, para os empresários conseguirem pagar aos seus trabalhadores. O que está a acontecer? São 3 ordens de negociação diferentes que estão atrasadas. Primeiro, a Comissão Europeia e a Direção Geral da Concorrência ainda não deram luz verde para o Estado garantir as linhas de crédito, porque pode ser considerado ajuda de Estado. Depois, tem de haver negociações entre o ministério das Finanças e os bancos. Já estão a decorrer e o que se discute tem a ver com a extensão da garantia (os bancos querem 100% para não correr risco nenhum, há propostas de 80% para PME e 90% para micro), mas não ainda há acordo. Depois deste processo, os bancos têm de negociar com os clientes/empresários, aos quais já avisaram que irão ser aplicados critérios muito rigorosos.



### Luís Marques Mendes - SIC

Decretar o Estado de Emergência foi uma medida necessária, porque Portugal precisava de reforçar as medidas de isolamento social. Foi uma medida positiva e ajudou a tranquilizar o país. Esta medida se fosse tomada mais tarde os portugueses não perdoariam nem ao Governo nem ao Presidente da República, a credibilidade dos políticos sairia fortemente minada e a confiança das pessoas nas instituições ficaria abalada. É preciso ter em atenção há uma relação causa-efeito. Vamos ter uma crise económica porque há uma epidemia de saúde. Temos primeiro de combater epidemia de saúde e depois a crise financeira. Na economia o mais importante é o conjunto de medidas que o Governo já apresentou.

Receio que seja medidas insuficientes e que a sua eficácia não seja o que se deseja. A ideia de adiar o pagamento de imposto e contribuições, mas se não se resolver o problema da liquidez, a medida não tem grande eficácia porque não pagam impostos nem agora nem mais tarde. Quanto à liquidez das empresas, a experiência da linha de crédito não é fantástica. Muitas vezes são oportunidade para os bancos.



### Miguel Sousa Tavares - Expresso

António Costa tem sabido gerir com um misto de coragem e sangue-frio praticamente inatacáveis uma situação de uma gravidade que nenhum outro primeiro-ministro enfrentou antes em democracia. Tenho, como todos, críticas pontuais, das quais a maior é a de que já aqui tinha dado conta na semana passada: o tempo que demorámos a fechar fronteiras com Espanha. Foi com grande alívio que vi o primeiro-ministro não ceder aos apelos de pânico dos que queriam o país completamente fechado e paralisado, sem se deterem a pensar nas consequências e convencidos de que uma economia completamente morta não mata gente. Até porque não tenhamos dúvidas: depois de ultrapassar a ameaça de morte sobre a saúde pública, encontraremos uma economia devastada e todos vão querer tudo da varinha mágica do Governo.

### Pedro Santos Guerreiro - Expresso

A recessão será impressionante, como nunca vivemos em mais de 40 anos. Para 2020, as primeiras estimativas hão de apontar para uma queda de 5% do PIB, talvez mais, mas para já o essencial é a duração. A economia está parada, nestes meses de março, abril e maio a quebra da economia será acima de dois dígitos, possivelmente 15% a 20%. É uma escala de destruição como não conhecemos. Mas é um trimestre, esperando que o próximo será melhor. Haverá muitas falências e desemprego, mas o essencial é cada um fazer tudo ao seu alcance para aguentar ao máximo. E agarrar-se a todas as boias que o Estado está a lançar.



**Augusto Mateus - Expresso  
(antigo ministro da Economia)**

Esta é uma crise bem mais complexa e global do que as próprias situações de “economia de guerra”. As atividades mais atingidas são a maioria de produção de bens e serviços de consumo e a travagem abrupta das viagens e turismo, que é a maior indústria mundial. Estão em causa cadeias globalizadas de produção de milhares e milhares de empresas espalhadas pelo mundo que colaboram para levar ao mercado bens de consumo e serviços. O investimento também será atingido com intensidade, pois depende fortemente da incerteza e das expectativas. As economias, particularmente as europeias que se encontram agora no centro da pandemia mundial, já estão a caminho de quebras no PIB que se aproximam de 10% em 2020.

Se o tempo de “economia desligada” for superior a 30 dias, então podemos estar a falar de quebras mais expressivas, acima dos 10-15%. Após esta forte destruição, só conseguiremos recuperar a economia se percebermos, desde já, que temos de conseguir manter as empresas vivas e com condições para reagir rapidamente quando vencermos a crise de saúde pública. Muito mais do que incentivos insignificantes ou auxílios ineficazes, precisamos de novos instrumentos híbridos de liquidez e capitalização envolvendo fundos e garantias públicas de dimensões que agora nos parecerão eventualmente excessivas, mas que podem vir a justificar-se por inteiro.